

do-se em *exemplo vivo* do espírita evangélico por excelência, *homem interexistente*, no dizer de J. Herculano Pires (11).

Se o leitor conseguir alcançar os resultados positivos que atingimos com o manusear dos originais da presente obra, damo-nos, editores e nós, por satisfeitos com a nossa tarefa, rogando-lhe, porém, desculpas pelos senões que decerto venham a existir ao longo de todo o livro, ao mesmo tempo que auguramos *feliz viagem* através do território fértil das *Entrevistas*, que ora lhe colocamos nas mãos.

ELIAS BARBOSA

Uberaba, 5 de Dezembro de 1971.

(11) Cf. J. Herculano Pires, "O Ser e a Serenidade" (Ensaio de Ontologia Interexistencial), Edicel, São Paulo, MCMLXVI; e Irmão Saulo, "Diário de S. Paulo", 21-11-71, seção "Chico Xavier pede licença (Um Aparte do Além nos Diálogos da Terra)", "Chico Xavier na PUC".

* ASSUNTOS HUMANOS

1 — OS ESPÍRITOS E O ESPIRITISMO

P — Mestre Chico Xavier, como é que os espíritos consideram o Espiritismo? Como uma Ciência experimental ou uma religião?

R — *De inicio queremos agradecer aos nossos amigos da TV Tupi, Canal 4, de S. Paulo, na pessoa de nosso caro entrevistador, Saulo Gomes, a atenção que nos dispensa, proporcionando-nos a alegria da presente visita à nossa Comunhão Espírita Cristã, aqui em Uberaba. Desejamos, também, com a permissão dos amigos, saudar e agradecer a atenção dos amigos telespectadores. Pedimos licença, ainda,*

(*) Entrevista concedida ao repórter Saulo Gomes da TV Tupi, canal 4, de São Paulo, em 6 de maio de 1968, gravada na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba (MG). Foi ao ar, pela primeira vez, a 14 de maio, e após sua apresentação inicial foi reclamada para exibição em quase todas as capitais de Estado. Nessa reportagem, pela primeira vez no vídeo, o médium psicografou Linda página de Emmanuel, intitulada «Auxiliarás por amor». Transcrita do «Anuário Espírita», 1969.

para falarmos do entusiasmo com que nosso entrevistador a nós se referiu. Conhecemos nossa total desvalia e sabemos que as palavras do nosso caro Saulo Gomes nascem da sua generosidade, por méritos que não possuímos.

Feita essa ressalva, confessamo-nos ante um inquérito afetivo muito sério, que nos chama a grande responsabilidade, pois, entendemos estarmos diante de ouvintes que procuram a verdade.

Confesso que, antes de me sentar aqui para a entrevista, pedi aos nossos amigos espirituais, especialmente ao nosso Emmanuel, que dirige nossas atividades mediúnicas desde 1931, que me ajudassem, pois, não tenho o dom da palavra, e me amparassem para que eu errasse o menos possível, nas respostas. Conto, assim, com o perdão de todos.

Os nossos amigos espirituais nos afirmam que apesar do Espiritismo englobar experimentações científicas valiosas para a Humanidade, devemos considerá-lo como doutrina que revive o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, interpretado em sua pureza e em sua simplicidade para os nossos dias.

De nossa parte consideramos o Espiritismo como religião, em vista das consequências morais que a Doutrina Espírita apresenta para a nossa vida e para o nosso trabalho.

2 — MEDIUNIDADE E ESPÍRITOS SOFREDORES

P — Como é que o Espírito de Emmanuel, autor de tantos livros, considera as manifestações exóticas de entidades caracterizadas por evolução, nitidamente, primária?

R — O nosso diretor espiritual considera a Doutrina Espírita como grande escola, para os nossos espíritos encarnados na Terra.

Em vista disso, acha que a mediunidade deve ser examinada à parte da doutrina, como os cursos de um educandário são separados dos programas da escola em que funcionam.

Assim, as manifestações de nossos irmãos que se caracterizam por evolução ainda primitiva, são como as dos alunos primários da escola.

Há, porém, lugar para todos os que desejam estudar e conhecer as necessidades de cada um diante do aprendizado.

Diz o nosso Emmanuel que um mestre eminentemente não despreza o aluno de cursos primários, antes, dá-lhe as mãos para que progrida.

Assim também é a Doutrina Espírita, devidamente guardada e iluminada em seus postulados e em suas lições.

Quanto às manifestações dos desencarnados, sejam êles quais forem — espíritos sofredores, espíritos de evolução primária, espíritos em condições dolorosas no mundo espiritual — todos encontram agasalho na Doutrina Espírita, da mesma forma que o homem, esteja na meninice ou na madureza encontra apoio na escola quando quer estudar buscando a própria iluminação.

3 — JUVENTUDE E LIBERDADE

P — Mestre Chico Xavier, como os espíritos amigos interpretam o fenômeno da juventude de hoje, com as suas tendências libertárias?

R — Vamos agradecer ao nosso querido entrevistador Saulo Gomes a gentileza, entretanto, é preciso que me explique acerca do título, porque estou muito longe de ter mestria em qualquer ramo da atividade humana.

Sou apenas um companheiro, um servidor de todos, especialmente do nosso grande amigo, que nos entrevista neste momento.

Os nossos amigos espirituais costumam dizer que devemos acolher na coração a mocidade atual, com suas características e os seus anseios de liberdade.

Esclarecem, mesmo, que a maioria dos jovens atualmente reencarnados conosco na Terra, não se

constituem de espíritos que procedam de faixas de evolução diferente da nossa.

Em muitos casos, os jovens apresentam idéias, talvez caprichosas para nós outros — os que já atingimos a madureza — mas, estamos nas vésperas do próximo século, início do terceiro milênio.

Atravessamos uma época de transição em que as idéias de liberdade e de renovação chegam até nós com um impacto muito grande.

Assim precisamos compreender a jovem-guarda como a nossa família necessitada de orientação, de educação, como todos nós.

Precisamos estabelecer um acordo para que o jovem encontre apoio nos espíritos amadurecidos e os espíritos amadurecidos encontrem, também, a compreensão da chamada jovem-guarda.

“O mōço pode e o mais velho sabe”; convém que a experiência esteja unida à possibilidade de realização para que cheguemos, na Terra, ao verdadeiro progresso.

A jovem-guarda merece a nossa consideração, o nosso amor, como se tōda ela fôsse constituída de filhos nossos, necessitados de amor, de assistênciā e de orientação.

Todos nós, na juventude, também tivemos anseios de liberdade.

Hoje, damos graças a Deus por todos aquêles que nos ampararam e nós apontaram o caminho, com pa-

ciência e com respeito, sem ferir, ou aumentar as nossas aflições de alma e nossos propósitos de progresso e evolução.

4 — OS SUICIDAS

P — Na sua vida mediúnica, Chico Xavier, conheceu amigos suicidas reencarnados?

R — *Alguns. Tendo começado a tarefa mediúnica em 1927, há quase 41 anos, tive tempo suficiente para observar alguns casos e posso dizer que todos aquêles que vi reencarnados, depois do atentado contra eles mesmos, traziam consigo os sinais, os reflexos da leviandade que haviam perpetrado.*

Contudo, devemos respeitar os suicidas como criaturas extremamente sofredoras que, muitas vezes, perderam o controle das próprias emoções, raiando para o desrespeito a si próprios.

Os resultados do suicídio acabam sempre impresos naqueles que o perpetram; desse modo, a dois companheiros que se suicidaram com bala no ouvido — e que revi, no espaço, depois de 10 anos — vi-os reencarnados na condição de crianças retardadas num estado de extrema idiotia.

Outro companheiro que se suicidou, com veneno, renasceu como uma criança que trazia já o câncer na garganta, tendo desencarnado pouco tempo depois.

Os espíritos me explicaram que muitas vezes, o suicida, em se reencarnando como que destrói os tecidos do novo corpo; a desencarnação, ou a morte propriamente considerada, ocorre logo depois do nascimento ou algum tempo depois. Aí, então, o espírito estará em condições de aprender quanto vale a vida: deseja viver, mas não consegue, conseguindo, enfim, depois de grande esforço.

5 — SUICÍDIO E SOFRIMENTO

P — Aproveitando a oportunidade de seu profundo conhecimento da matéria, nós perguntamos: os espíritos acham que os sofrimentos dos suicidas decorrem de um castigo de Deus?

R — *Não. Não decorrem de um castigo de Deus, porque Deus é a Misericórdia Infinita, a Justiça Perfeita*

Emmanuel sempre me explica e outros amigos espirituais, lecionando sobre o assunto, também explicam, que, quando atentamos contra o nosso corpo, na Terra, ferimos as estruturas do nosso corpo espiritual. Inflingimos a nós mesmos essas punições.

Se malbaratamos o crânio com um tiro, estamos destruindo determinados recursos do nosso cérebro espiritual; se nos envenenamos, perturbamos determinados centros de nossa alma; se nos projetamos de grande altura, estamos, também, perturbando os ligamentos, as estruturas, as conexões de nosso corpo espiritual e permanecemos no além com os resultados do suicídio para depois, ao reencarnarmos na Terra, trazermos as conseqüências em nosso próprio corpo.

6 — OS AVARENTOS E A MISSÃO DO DINHEIRO

P — Nosso Chico Xavier, nós variamos muito no estilo das perguntas porque sabemos que é necessário e oportuno levar ao grande público uma autêntica lição, principalmente, de humanidade. Daí, então, a pergunta que se faz agora: Como é que o mundo espiritual encara a situação dos avarentos na Terra?

R — Os avarentos, os sovinas, realmente são espíritos doentes. Emmanuel costuma dizer: a criatura que amontoa, amontoa e amontoa os recursos materiais, sem nenhum proveito no trabalho, na educação, na beneficência, no socorro em favor dos semelhantes, está desequilibrada.

Quem assim procede está doente e, de certo, na próxima reencarnação, enfrentará o resultado desse desvio da realidade.

Os espíritos amigos consideram o dinheiro como sendo o sangue da sociedade; quando colocamos o dinheiro, simplesmente a um canto, sem programa, só para que funcione em proveito dos nossos caprichos, estamos operando no organismo social aquilo que chamamos “trombose” na circulação do sangue. Impedindo a circulação vamos pagar as conseqüências do nosso ato impensado.

Não podemos de maneira nenhuma — dizem os nossos amigos espirituais — condenar o dinheiro ou desfigurar a missão do dinheiro, a pretexto de que os nossos irmãos abastados estejam em condições de felicidade maiores que as nossas.

Devemos compreender os que desfrutam a riqueza material como administradores dos bens de Deus. E tantos dêles, mas tantos dêles, se fazem nossos benfeiteiros criando trabalho, estimulando a caridade, auxiliando a educação, fundando escolas, protegendo crianças desamparadas, salvando enfermos desprotegidos.

Precisamos valorizar os companheiros que são portadores da fortuna material, cooperando com elas para que possam administrar bem êsses recursos, pois são profundamente responsáveis diante do Senhor, como também, aquêles nossos irmãos pobres, que são mais pobres, vamos dizer assim, porque todos nós somos ricos diante de Deus.

Deus nos fez a todos ricos de saúde, ricos de força, de esperança e de fé. A palavra "pobre" é um tanto imprópria para nossa conservação, digamos, os que estão em penúria material, mas que são humildes diante de Deus, pois não adianta também a penúria material quando nós estamos num estado de inconformação, de rebeldia.

Os mais ricos e os menos ricos são irmãos diante de Deus e nós devemos valorizar os portadores do dinheiro.

7 — DIREITOS AUTORAIS

P — A quem pertence os direitos autorais destas dezenas de livros psicografados, muitos dêles desde 1932?

R — Todos estes livros estão com os direitos dados às instituições espíritas do Brasil que os editam; em maior número com a Federação Espírita Brasileira, sediada na Guanabara, e na Comunhão Espírita Cristã, sediada em Uberaba. Os direitos autorais pertencem a essas instituições e a outras instituições espíritas que os publicaram.

8 — O SALÁRIO DA MEDIUNIDADE

P — Então quem trabalha tanto e trabalhou tanto até agora, nada recebe pelo seu trabalho?

R — Graças a Deus, nunca entrou em nossas cogitações receber qualquer remuneração pelos livros psicografados, que os nossos amigos espirituais consideram como sendo um depósito sagrado.

Mas, é preciso que eu me explique. Tenho tido uma compensação muito maior que aquela que pudesse vir ao meu encontro através do dinheiro: é a compensação da amizade.

O Espiritismo e a mediunidade trouxeram-me amigos tão queridos, que me dispensam tanto carinho, que eu me considero muito mais feliz com estes tesouros do coração, como se tivesse milhões à minha disposição

9 — A CIDADE "NOSSO LAR"

P — O espírito de André Luiz descreveu experiência de sua vida na condição de desencarnado, numa cidade espiritual em seu livro, exatamente este que aqui está, traduzido para o Japonês ("Nosso Lar"). Como médium o senhor pode atestar cidades como esta, fora do plano terrestre?

R — Eu não posso transferir a minha certeza àqueles que me ouvem, mas, posso dizer que, em 1943, quando o espírito de André Luiz começou a escrever por nosso intermédio senti grande estranheza com o que ele ditava e escrevia.

Certa noite, tomadas as providências necessárias, segundo a orientação de Emmanuel, ele próprio e André Luiz me levaram a determinada parte, a determinado bairro da cidade de "Nosso Lar". Posso dizer que fui em desdobramento espiritual na chamada zona hospitalar da cidade. Foi para mim uma excursão espiritual inesquecível, como se eu desfrutasse os favores de um espírito liberto.

Mas, eu preciso explicar aos telespectadores, que fui em função de serviço, naturalmente, assim como um animal — no tempo em que não tínhamos automóvel, locomotiva e avião — um animal que servia a professores para determinados tipos de viagem.

Vi muita coisa maravilhosa sem compreender tudo ou entender muito pouco, porque fui em função de serviço, não por mérito.

10 — IMPRESSÕES NO TRANSE MEDIÚNICO

P — Quais as suas impressões quando está psicografando um dos romances de Emmanuel ou um livro de André Luiz, por exemplo?

R — Em verdade eu não sei as palavras, não tenho conhecimento do desenvolvimento verbal daíllo que o amigo espiritual está escrevendo, mas eu me sinto dentro do clima do livro que eles estão escrevendo.

Por exemplo: quando nosso amigo espiritual, Emmanuel, começou a escrever o livro "Há dois mil anos", em 1938, comecei a ver uma cidade, depois vim a saber que era Roma. Havia jardins na cidade e aquilo me conturbou um pouco, causou-me um certo assombro.

Tendo perguntado, disse-me que estava escrevendo com ele como com alguém debaixo de uma "hipnose branda"; eu estava no seu pensamento enquanto não soubesse as palavras que ele escrevia. E assim tem sido até hoje.

11 — AS MORTES SÚBITAS

P — Mestre Chico Xavier — perdoe que insista chamando assim — como os espíritos encaram o problema das mortes repentinhas para uns, e das mortes precedidas de duros sofrimentos para outros?

R — Os amigos espirituais têm me ensinado, nestes 40 anos de trabalho mediúnico, que, no mundo espiritual, todos os nossos amigos se esmeram pa-

ra que tenhamos, na Terra, o máximo de tempo no corpo.

Há casos em que as longas moléstias são abençoadas preparações do nosso espírito para a vida maior.

As mortes repentinhas, as desencarnações improviso-adas, quase sempre são provações e, às vêzes, ocorrências inevitáveis no mapa de trabalho trazido pelo espírito, ao reencarnar.

Mas, estejamos convencidos de que as longas moléstias são abençoados cursos preparatórios para que nos libertemos de muitos caprichos e muitos hábitos que pertencem à vida física, mas sem significação na vida maior.

12 — FRATERNIDADE REAL

P — Chico Xavier, tem algum fato em sua experiência mediúnica que o tenha obrigado a pensar mais seriamente na fraternidade humana?

R — Todas as mensagens que temos recebido durante o tempo de nossas singelas atividades na seara mediúnica, nos impelem a compreendermos a necessidade de esforço para que chegemos à fraternidade, sentida, mas respeitando o tempo dos telespectadores, e pedimos sua permissão, lembraremos aqui um fato, de muita significação, que ocorreu em minha vida.

Creio, não deveria levantar qualquer lance autobiográfico, mas é preciso que recorra a um deles para explicar a lição que recebi.

Em 1939, desencarnou-se um de meus irmãos, José Cândido Xavier, deixando sob nossa responsabilidade, a viúva com dois filhinhos.

A viúva de meu irmão era uma moça extraordinária, humilde e bondosa.

Em 1941, ela foi acometida de grave distúrbio mental.

O assunto é longo e vou resumir para que não venhamos a tomar muito tempo.

Depois de alguns meses em que a viúva de meu irmão — que sempre consideramos nossa irmã muito do coração — estava conosco em casa, doente, o caso agravou-se requerendo internação numa casa de saúde de mental, o que foi providenciado em Belo Horizonte, com o auxílio de médicos amigos, da cidade de meu nascimento — Pedro Leopoldo — perto da capital de Minas Gerais.

Acompanhei minha cunhada, a quem sempre dispensei muita consideração e carinho e, ao interná-la na casa de saúde mental, observei o estado de muitos enfermos que ali estavam, naturalmente, abrigados, com muita segurança, proteção e assistência.

Voltei para casa com o coração muito abatido. Era noite. O segundo filho de minha cunhada, com meu irmão, era uma criança paralítica. A criança cho-

rava e eu me enterneci muito ao ver o pequenino sem a presença materna. Sentei-me e comecei a orar.

As lágrimas vieram-me aos olhos, ao lembrar meu irmão desencarnado muito mōço ainda, a viúva tão cedo também, numa prova tão difícil! Na incapacidade de dar a ela a assistência precisa, senti que minha dor era muito grande!

A chegou-se, então, a mim, o Espírito de nosso amigo Emmanuel. Perguntou-me porque chorava. Conte-lhe que, naquela hora eu me enternecia muito por ver minha cunhada numa casa de saúde mental em condições assim precárias.

— Não! disse ele — você está chorando por seu orgulho ferido; você, aqui, têm sido instrumento para cura de alguns casos de obsessão, para a melhoria de muitos desequilibrados. Quando aprovou ao Senhor, que a provação viesse debaixo do seu teto, você está com o coração amargurado, ferido, porque foi obrigado a recorrer à assistência médica o que, aliás, é muito natural. Uma casa de saúde mental, um sanatório, um hospício, é uma casa de Deus. Você não deve ficar assim.

Disse-lhe, então, que concordava e pedi-lhe como espírito benfeitor, que trouxesse a minha cunhada de volta ao lar, pois a criança, o seu segundo filho, era paralítico e aquela chôro atestava a falta que o pequenino sentia dela.

Ela voltaria — afirmou-me. Mas aquela “ela vol-

taria” poderia ser depois de muito tempo — o que de fato aconteceu só depois de dois anos.

— Eu queria que ela voltasse depressa — disse a ele impaciente.

— Imaginemos a Terra — respondeu-me — como sendo o Palácio da Justiça, e ela como sendo uma pessoa incursa em determinada sentença da justiça. Eu sou seu advogado e você é serventuário no Palácio da Justiça. Nós estamos aqui para rasgar ou cumprir o processo?

— Para cumprir — respondi. Continuei, porém, chorando por observar o assunto ser mais grave do que pensava.

— Por que você continua chorando? — disse ele.

Querendo me agastar, muito indevidamente, porque a minha atitude era desrespeitosa, diante de um amigo espiritual tão grande e tão generoso, disse-lhe:

— Estou chorando porque, afinal de contas, o senhor precisa saber que ela é minha irmã!

— Eu me admiro muito — respondeu-me — porque, antes dela, você tinha lá dentro daquela casa, trezentas irmãs e nunca vi você ir lá chorar por nenhuma. A dor Xavier não é maior que a dor Almeida, do que a dor Pires, do que a dor Soares, a dor de tōda a família que tem um doente. Se você quer mesmo seguir a doutrina que professa, ao invés de chorar por sua cunhada, tome o seu lugar ao lado da criança que está doente, precisando de calor humano. Substitua nossa irmã, exercendo, assim, a fraternidade. — Foi uma lição que não posso esquecer!

13 — MEDIUNIDADE E SERVIÇO

P — Compreendendo que, Chico Xavier, começou você com a mediunidade em 1927, como consegue perseverar com a mesma idéia no espaço dos últimos 41 anos?

R — Desde o princípio da mediunidade, os espíritos me habituaram a convivência com eles. Acredito que isso ocorreu dessa convivência pois, desde os cinco anos de idade, quando perdi minha mãe no plano material, sinto-me em contacto com os espíritos desencarnados.

A princípio na Igreja Católica e depois, mais tarde, desde 1927, no Espiritismo, propriamente considerado.

Creio que foi a convivência com os amigos espirituais. Eles — como por misericórdia — me controlaram, me ajudaram a compreender a obrigação de atendê-los.

Desse modo, essa perseverança não é devida a mim mas à influência deles.

14 — RESPEITO MÚTUO

P — Francisco Cândido Xavier, médium Chico

Xavier, como os chefes da Igreja Católica o vêem, o entendem, o compreendem?

R — Até os quinze, dezesseis anos de idade, estive nas práticas católicas e encontrei, na pessoa dos sacerdotes, grandes amigos.

Em 1927, quando me afastei das práticas católicas e despedi-me daquele que era um particular amigo, o padre Sebastião Scarzelli, pedi que me abençoasse, que orasse por mim e pedisse à Nossa Mão Santíssima que me abençoasse. Ele prometeu-me que faria isso porque sabia dos meus conflitos interiores, das minhas dificuldades

Todos os nossos amigos católicos, também, sempre me trataram com muito respeito e só tenho a agradecer-lhes pela bondade com que me tratam até hoje, tanto em Pedro Leopoldo, onde nasci, como aqui em Uberaba, onde estou praticamente há dez anos, vinculado à família uberabense, da qual recebo as maiores provas de estima e bondade, de católicos e profíctentes de outras religiões.

15 — AS VIAGENS AO EXTERIOR

P — Chico Xavier, homem que representou o Brasil noutros países, nós concluímos pedindo apenas que nos diga os países que já visitou para participar de trabalhos sérios, importantes, bem à altura de seu gabarito e da sua seriedade.

R — Creio que visitei êstes países do exterior por acréscimo da misericórdia da Providência Divina, pois, realmente, não tenho títulos nem merecimentos para viagens culturais.

Em 1965, recebemos, convite para irmos aos EE.UU., a fim de estudarmos a possibilidade, com alguns amigos, brasileiros e norte-americanos, de se instalar na grande nação irmã, um núcleo de estudo do Espiritismo Kardequiano. Pude estar com nossos amigos, como o nosso grande companheiro Mister Haddad, Mister Harrison e outros.

Da América do Norte fomos convidados a visitar algumas atividades espíritas na Inglaterra, tendo sido recebido, ali, com muito carinho pelo grande jornalista e escritor inglês, Mister Maurice Barbanell.

Da Inglaterra, aproveitando a oportunidade, pois estávamos em uma equipe de três companheiros, passamos, então de volta, alguns dias na França, visitando instituições espíritas no sul e em Paris, para depois, passarmos alguns poucos dias na Itália, Espanha e Portugal

* PROCURANDO A VERDADE

16 — JOÃO BOIADEIRO: CAUSA MORTIS

P — Que opinião deram os amigos espirituais sobre a causa da morte de nosso João Boiadeiro, o primeiro doente que recebeu transplante de coração no Brasil?

R — A êsse respeito ouvi particularmente dois amigos, médicos desencarnados, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e nosso amigo André Luiz, que foi médico muito distinto no Rio de Janeiro. Os dois guardam a mesma opinião geral, informando que o problema é de rejeição. (Portanto, um ponto coincidente com aquêle assinalado por todos os grandes mestres, como Zerbini, especialmente, nosso médico brasileiro).

(*) Entrevista gravada pela TV Tupi, canal 4, de São Paulo, realizada pelo repórter Saulo Gomes com o médium Chico Xavier na Comunhão Espírita Cristã, Uberaba (MG), a 5 de agosto de 1968. Transcrita do «Anuário Espírita», 1969.